

OS GÊNEROS TEXTUAIS E O EMPREGO DOS DEMONSTRATIVOS EM PORTUGUÊS

Victor Hugo Barbosa RAMALHO
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
vhbr@outlook.com

Resumo: Este trabalho baseia-se no conceito de tradições discursivas proposto por Kabatek (2006), em que fatores como os gêneros textuais, acabam produzindo um impacto também sobre os itens linguísticos a serem utilizados em sua composição. Realizou-se uma contabilização da frequência das formas dos demonstrativos em um corpus constituído por diversas obras dos gêneros romance e teatro de José de Alencar e de Machado de Assis. Foram observadas diferenças de uso das formas demonstrativas a partir de duas perspectivas distintas: a primeira, com relação ao uso individual de cada autor em questão, em que foi possível se ter indícios positivos de que um mesmo autor utilizaria os demonstrativos de forma diferente, dependendo do gênero do texto que esteja produzindo e, em segundo lugar, foi possível se observar as alterações no uso das formas dos demonstrativos nos dois gêneros ao longo do tempo. Assim, pôde-se apresentar novos indícios de que o gênero textual seria um dos fatores determinantes para o comportamento das estruturas linguísticas nos textos.

Palavras-chave: demonstrativos; gêneros textuais; tradições discursivas

1. AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS E OS GÊNEROS TEXTUAIS

O termo Tradição Discursiva (TD) foi utilizado, segundo Kabatek (2006, p.507), primeiramente por Koch (1997) e Oesterreicher (1997), os quais propõem uma subdivisão para o nível do falar histórico de Coseriu (1955), o das línguas propriamente ditas das comunidades linguísticas, em dois filtros distintos: o primeiro, o da seleção léxico-gramatical pregada pelo próprio sistema e o segundo, o da seleção de elementos de acordo com a tradição do discurso em questão, sendo que ambos possuiriam historicidades diferentes. Sendo assim, para se exercer a atividade linguística, requer-se um conhecimento não só sobre o funcionamento das regras gramaticais de uma dada língua, mas também há de se ter em mente quais seriam os modos convencionalizados de elaboração textual e discursiva, os quais são determinados historicamente através da evolução das TD.

A tradição discursiva seria, portanto, um dos filtros, pelo qual uma finalidade comunicativa deve transpassar para se formar um enunciado concreto, sendo o outro filtro a língua como sistema gramatical. Este é mais um indício de que o momento histórico e os tipos de texto produzidos durante ele influenciam bastante nos elementos que compõem um enunciado. Assim, em um estudo baseado em *corpus* sobre a história de uma língua, deve-se sempre lembrar que “o que se estuda não é a língua, (...) senão textos de diferentes épocas, textos que parecem representativos dos estados de língua.” (Kabatek, 2006 p.11).

Assim, Kabatek (2006) trabalha com a noção de TD relacionando a historicidade dos textos com a historicidade da linguagem, na medida em que as formas do texto se fixam produzindo um impacto também sobre a linguagem, como se a gramática fosse sensível às formas textuais. Pode-se dizer então que há um processo circular, uma vez que o que define um tipo de texto são as formas linguísticas utilizadas, mas, por outro lado, a constituição de um padrão específico de organização textual tem impacto sobre os elementos utilizados na composição da linguagem.

Deste modo, Kabatek (2006, p.512) apresenta o seu conceito de TD:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

Pode-se ver que essa definição de TD se aproxima bastante do conceito de gêneros textuais (também chamados gêneros discursivos ou do discurso), como o de Marcuschi (2002), que entende que eles também seriam fenômenos históricos, intrinsecamente atrelados à vida social e cultural dos indivíduos. Para esse autor, os gêneros textuais não podem ser caracterizados como elementos estruturais estáticos, uma vez que correspondem a eventos linguísticos e não se determinam por características meramente linguísticas, pois se tratam de atividades sócio-discursivas, podendo ser entendidos como um produto coletivo dos múltiplos usos da linguagem, e que se concretizam de diversas maneiras, de acordo com as necessidades comunicativas do cotidiano dos indivíduos. Desta forma, tem-se uma multiplicidade de possibilidades de aparecimento de novos gêneros, como mostra Bakhtin (1992 p.279):

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Para se entender melhor a diferença entre gênero textual e TD, Gallardo (2012, p.300) apresenta alguns dos exemplos de TD citados por Koch, como o editorial, a novela, a piada, a linguagem objetiva, o maneirismo e os atos de batizar ou prometer; ou seja, nota-se que gênero textual é uma TD, assim como também são algumas entidades de outra ordem, como os movimentos artísticos e atos de fala. No entanto, todos esses tipos de TD têm em comum o fato de que são produzidos historicamente para servir a finalidades peculiares dentro de uma comunidade linguística, pelos grupos sociais que a compõem, como os agrupamentos profissionais e religiosos, os movimentos literários e políticos, etc.

É nessa linha de pensamento que Bazerman (2005, apud Costa 2009 p.640) vê os gêneros textuais como um instrumento para se “navegar nos mundos complexos da comunicação escrita e da atividade simbólica, porque, ao reconhecer um modelo textual, reconhecemos muitas coisas sobre os aspectos institucionais e sociais envolvidos na comunicação”.

Por fim, outro aspecto fundamental na diferenciação do uso dos conceitos de gênero textual e de TD estaria na finalidade do estudo em que essas noções são utilizadas, já que:

(...) ambos os conceitos parecem ter uma funcionalidade diferente. A noção de gênero discursivo se aplica sobretudo ao estudo dos textos e sua descrição e tipologização. A noção de TD se emprega especialmente nos estudos diacrônicos para explicar a mudança linguística.¹ (GALLARDO 2012, p.300)

Um exemplo das possíveis mudanças que o gênero textual pode sofrer ao longo do tempo é o apresentado por Costa (2009 p.646), que mostra o desenvolvimento temporal do gênero notícia, no qual o relato dos acontecimentos seguia a ordem natural dos fatos, ou seja, o cerne da notícia só aparecia da parte final do texto. Tal estruturação era utilizada pelo fato de que a notícia teria a sua origem em outro gênero, as cartas e relatos enviados por correspondência, que seguem esse mesmo modelo.

Ao longo do tempo, a TD notícia de jornal sofreu modificações e o posicionamento das informações principais deslocou-se para o início do texto, tornando a notícia mais “adequada à necessidades econômicas e comunicativas da mídia impressa: primeiramente, o jornal necessita de mais informações e com isso exerça um apelo comercial” (Costa, 2009 p. 647). Assim, o leitor poderia prontamente selecionar o que quer ou não ler, dependendo de seus interesses e necessidades, apenas pelo título do texto ou pelo chamado parágrafo *lead*, que é sempre inicial e já traz as informações sobre ‘o quê’, ‘quem’, ‘como’, ‘onde’, ‘quando’ e ‘por quê’ dos eventos relatados. O objetivo do presente trabalho é, portanto, fazer um esboço de como as mudanças dos textos de cada gênero podem no comportamento dos demonstrativos.

2. DEMONSTRATIVOS EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL

Algumas pesquisas realizadas sobre língua espanhola mostram que a frequência dos demonstrativos e suas formas F1, F2 e F3 parecem realmente se alterar de acordo com o gênero textual em questão. Um deles é o realizado por Kock, Gomez Molina & Verdonk (1992 p.21), que apresentam as frequências mostradas por Kenniston (1937) e Juilland (1965), com as quais se percebe que os textos mais ligados à oralidade possuem uma maior frequência de F2, enquanto outros gêneros mais ligados à escrita, como periódicos e textos técnicos, apresentam um uso majoritário de F1. Os autores fazem uma análise da frequência dos demonstrativos em diferentes gêneros com relação às formas não adjetivas e seu aparecimento em orações relativas e em complementos determinativos, além do uso do neutro, e provaram que os usos das formas dos demonstrativos são bem diversos em diferentes tipos textuais.

Este fato é também ratificado pelo gráfico apresentado por Jungbluth (2005 p.117), o qual mostra a frequência dos demonstrativos em diferentes gêneros em um *corpus* do espanhol, realizado por Julliard & Chung Rodrigues (1964). O gráfico, reproduzido abaixo, mostra que na língua oral (*gesprochene Sprache*), há um uso bem maior dos demonstrativos, mas F1 e F2 possuem frequências quase equivalentes. Entretanto, na língua escrita, apesar de F1 continuar sendo a forma predominante, vê-se que a diferença entre os valores de frequência de F1 e de F2 vai aumentando gradativamente, à medida que se passa para gêneros cada vez menos ligados à oralidade, com um uso cada vez menor de F2.

¹ Tradução minha: “(...) ambos conceptos parecen tener una funcionalidad diferente. La noción de género discursivo se aplica sobre todo al estudio de los textos y a su descripción y tipologización. La noción de TD se emplea especialmente en los estudios diacrónicos para explicar el cambio lingüístico.”

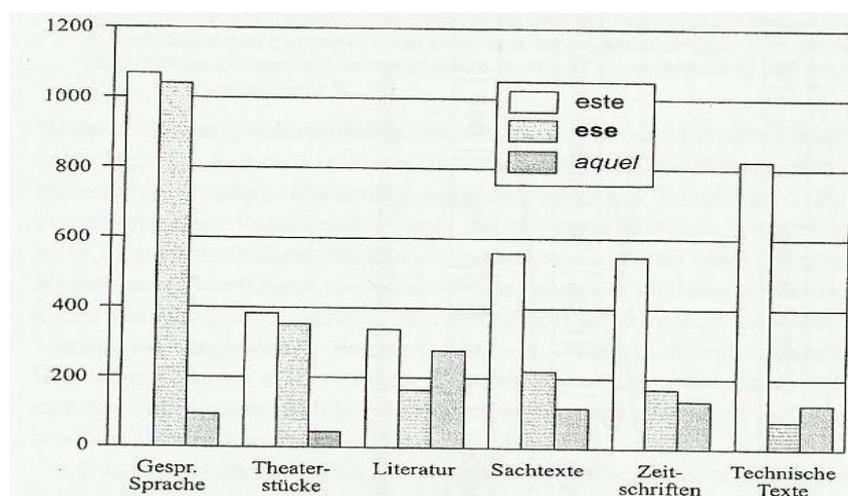


GRÁFICO 1 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais em espanhol

Assim, a frequência de F1 com relação a F2 começa a ficar maior a partir dos textos teatrais (*Theaterstücke*), passando pela literatura de ficção (*Literatur*), textos acadêmicos (*Sachtexte*), periódicos (*Zeitschriften*), até chegar aos textos técnicos (*technische Texte*), nos quais a diferença de frequência é bastante superior, com uma enorme prevalência de F1 sobre F2. Portanto, fica clara a necessidade de se tomar o gênero como um fator essencial ao entendimento das generalidades do uso dos demonstrativos de uma língua.

Para se complementar esse estudos dos demonstrativos em língua espanhola, realizou-se um estudo preliminar para se saber se o português apresentaria resultados semelhantes aos que foram vistos nessas pesquisas mostradas anteriormente. Contabilizou-se a frequência das formas dos demonstrativos primeiramente em *corpora* eletrônicos. Buscou-se a frequência das formas dos demonstrativos no *Corpus do Português*² e no *Corpus del Español*³, ambos *corpora* eletrônicos criados por Mark Davies, separando-os de acordo com o gênero textual⁴ dos textos em que se encontram. As Tabelas 1 e 2, a seguir, apresentam os resultados:

CORPUS DO PORTUGUÊS (séc. XX)				
Gênero	F1	F2	F3	Total
Acadêmico	28267	11794	2656	42717
	66,17%	27,61%	6,22%	100%
Notícia	23660	11772	4335	39767
	59,50%	29,60%	10,90%	100%
Ficção	13831	17953	18198	49982
	27,67%	35,92%	36,41%	100%
Oral (Entrevistas)	6031	13908	5885	25824
	23,35%	53,86%	22,79%	100%

TABELA 1 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais em português

² Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>

³ Disponível em <http://www.corpusdelespanol.org>

⁴ A divisão entre as ocorrências de acordo com os gêneros textuais está disponível, no sistema de busca de ambos os sites, apenas para dados do século XX.

Pelo que se pode observar na Tabela 1, as frequências das formas dos demonstrativos encontrados no Corpus do Português mostram uma tendência de se predominar a forma F1 em gêneros menos ligados à oralidade, inversamente proporcional ao maior uso de F2 naqueles mais próximos à língua falada. Assim, tem-se a seguinte distribuição das formas em cada gênero:

- (a) Acadêmico - F1 muito mais frequente que F2;
- (b) Notícia - F1 mais frequente que F2;
- (c) Ficção - F2 mais frequente que F1;
- (d) Oral - F2 muito mais frequente que F1.

Outro destaque fica para o grande valor da frequência de uso de F3 na ficção, em comparação com outros gêneros, o que também se pôde observar no gráfico de Jungbluth (2005) apresentado anteriormente.

CORPUS DEL ESPAÑOL (séc. XX)				
Gênero	F1	F2	F3	Total
Acadêmico	22936	3719	1182	27837
	82,39%	13,36%	4,25%	100,00%
Notícia	23517	10944	1743	36204
	64,96%	30,23%	4,81%	100%
Ficção	10471	17007	5787	33265
	31,48%	51,13%	17,40%	100%
Oral (Entrevistas)	22847	20044	1814	44705
	51,11%	44,84%	4,06%	100%

TABELA 2 - Frequência de formas dos demonstrativos nos gêneros textuais em espanhol

Já a Tabela 2 mostra que quase a mesma tendência pode ser vista no Corpus del Español, contudo, a exceção fica com os dados extraídos dos textos orais, que possuem um uso mais frequente de F1 que de F2. Essa assimetria talvez possa ser explicada pelo fato de que, como mostra Benítez Rosete (2011 p.72), a forma ‘este’ é usada na fala em espanhol como um falso começo (chamado de ‘muletilla’), em casos em que apenas serve como um elemento de preenchimento (Kany 1994 p.171), quando o falante hesita em suas palavras. Tal uso possui frequência considerável em *corpora* de língua espanhola oral, como aponta Cambraia (2009 p.28), podendo variar regionalmente de uma frequência a partir de 2% (em Madrid), até chegar a 15% (na cidade do México) ou 20% (em Porto Rico) do total de demonstrativos; e, sendo o Corpus del Español composto por variedades da língua originárias de vários países, pode ter sido esse um fator que influenciou em tal discrepância.

3. DEMONSTRATIVOS EM MACHADO DE ASSIS E EM JOSÉ DE ALENCAR

Realizou-se também uma contabilização da frequência das formas dos demonstrativos em um *minicorpus*, constituído por 41 textos⁵ dos gêneros romance e teatro de dois autores brasileiros: 20 obras de José de Alencar (1829-1877), representante da escola literária romântica, constituídas por 14 romances e 6 peças de teatro; e 21 livros escritos por Machado de Assis (1839-1908), de uma tendência majoritariamente inserida no período realista, do qual se selecionaram 10 romances e 11 peças de teatro. Busca-se saber se há variação no uso dos demonstrativos por um mesmo autor em gêneros diversos e também se, ao longo do tempo, o padrão desse comportamento de cada gênero textual se altera de um autor para o outro, levando-se em conta que as tradições discursivas sofrem transformações condicionadas a fatores histórico-sociais de cada época.

A seguir, os gráficos 2 e 3 mostram, diacronicamente, de acordo com o ano de publicação de cada obra, a frequência das formas dos demonstrativos em cada gênero textual das obras de José de Alencar:

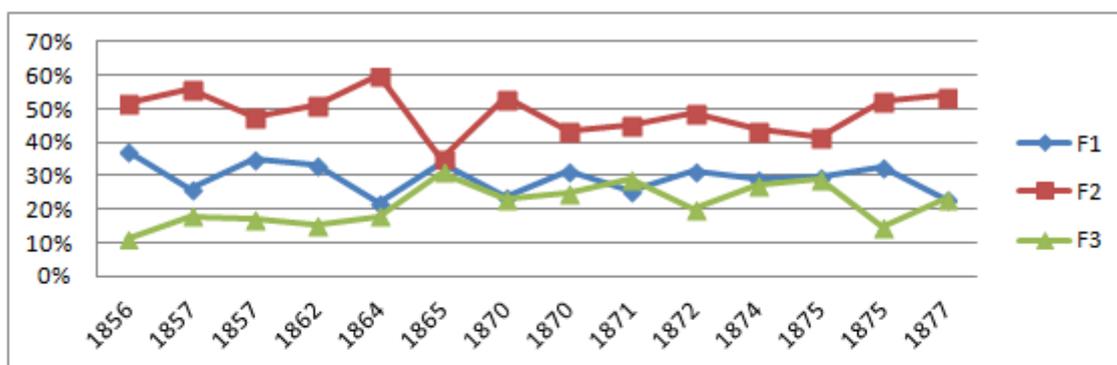


GRÁFICO 2 – Frequência de formas de demonstrativos no Romance de José de Alencar

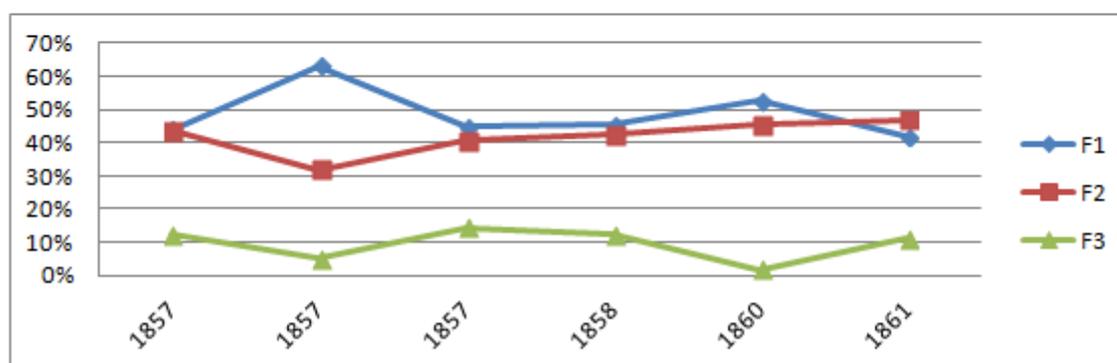


GRÁFICO 3 – Frequência de formas de demonstrativos no Teatro de José de Alencar

⁵ Obras de José de Alencar: Romances – *Cinco Minutos* (1856), *A Viuvinha* (1857), *O Guarani* (1857), *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *Iracema* (1865), *A Pata da Gazela* (1870), *O Gaúcho* (1870), *Til* (1871), *Os Sonhos D'Ouro* (1872), *Ubirajara* (1874), *O Sertanejo* (1875), *Senhora* (1875) e *Encarnação* (1877). Teatros – *O Crédito* (1857), *Verso e Reverso* (1857), *O Demônio Familiar* (1857), *As Asas de um Anjo* (1858), *Mãe* (1860) e *O que é Casamento* (1861). Disponíveis em www.dominiopublico.gov.br.

Obras de Machado de Assis: Romances – *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Casa Velha* (1885), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899) e *Esau e Jacó* (1904). Teatros – *As Forças Caudinas* (1856), *Hoje Avental, Amanhã Luva* (1860), *Desencantos* (1861), *O Caminho da Porta* (1863), *O Protocolo* (1863), *Quase Ministro* (1864), *Os Deuses de Casaca* (1866), *O Bota de Rapé* (1878), *Tu, só Tu, Puro Amor* (1880) e *Não Consultes Médico* (1899). Disponíveis em machado.mec.gov.br.

A comparação entre esses dois gráficos é uma evidência positiva para a teoria de que o gênero textual é um fator responsável por comportamentos distintos no uso dos demonstrativos, uma vez se pode notar que o autor, em todos os seus romances, utiliza um maior número de demonstrativos F2, enquanto no teatro, é F1 a forma mais frequente na maioria dos casos. Já F3 se mantém como a menos frequente em ambos os gêneros na maioria dos casos.

Os próximos gráficos, 4 e 5, apresentam, respectivamente, as frequências das formas dos demonstrativos nos textos dos gêneros romance e teatro de Machado de Assis:

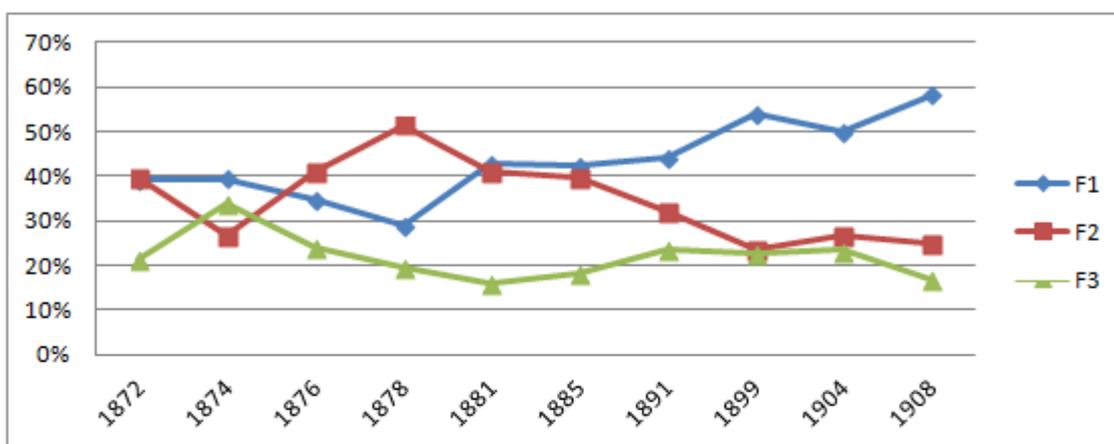


GRÁFICO 4 – Frequência de formas de demonstrativos no Romance de Machado de Assis

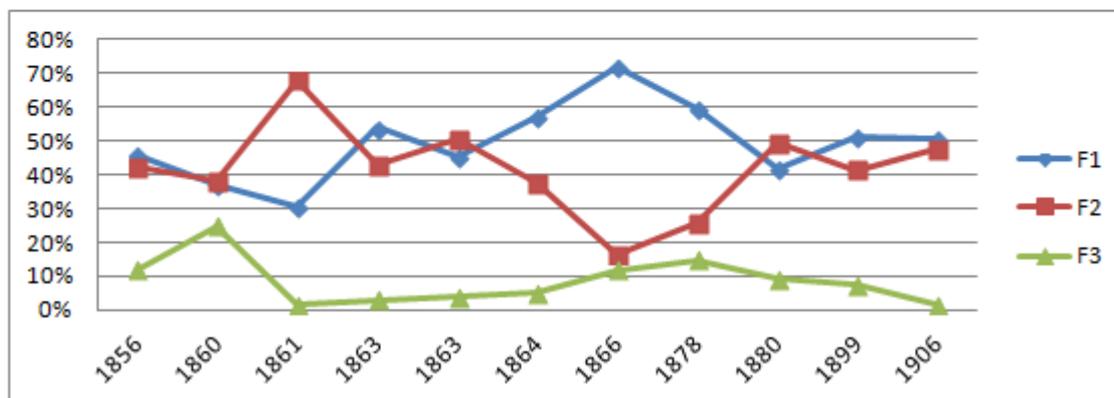


GRÁFICO 5 – Frequência de formas de demonstrativos no Teatro de Machado de Assis

Com relação às obras de romance, vê-se que há uma inversão de valores, uma vez que F2 é a mais frequente até 1881 (exceto na obra de 1874), e a partir desse momento F1 se torna a mais utilizada nesse gênero. A explicação para tal assimetria pode estar na mudança de tradição que ocorreu nesta época, já que a obra de 1881 de Machado de Assis trata-se de ‘Memórias Póstumas de Brás Cubas’, a qual “tem sido apontada como o marco inicial do Realismo no Brasil” (Cereja & Magalhães, 2000 p.254). Assim, tem-se outro forte indício de que as TD, ou seja, os padrões estruturais da composição dos textos e discursos, definidos historicamente, possuem influência nos fenômenos linguísticos como os demonstrativos.

Já as obras teatrais do autor demonstram uma instabilidade entre a predominância de F1 e F2 naquela época e F3 continua pouco frequente em ambos gêneros.

Os valores totais das formas dos demonstrativos das obras de cada um dos autores estudados encontram-se a seguir, no gráfico 6:

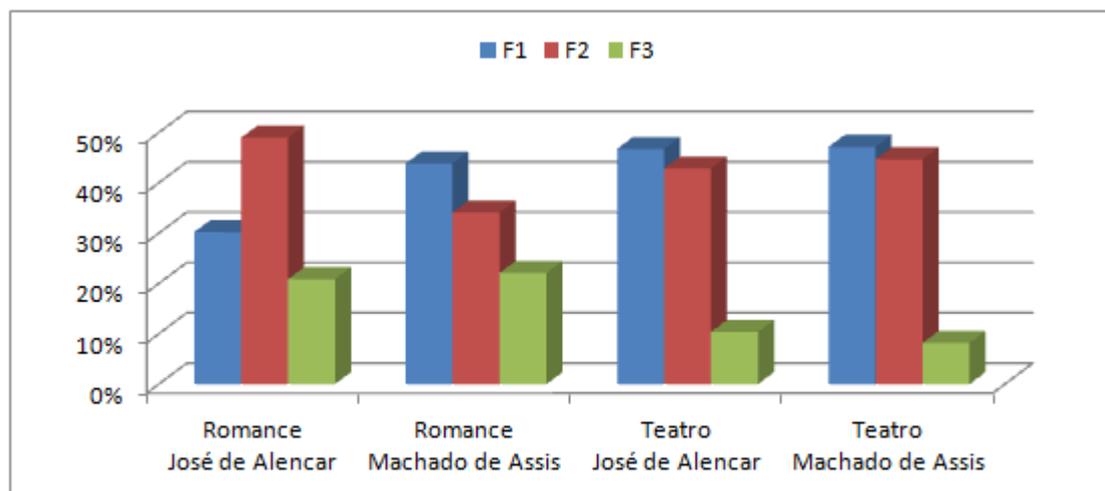


GRÁFICO 6 - Total de frequência de formas dos demonstrativos no Romance e Teatro de José de Alencar e Machado de Assis

Retomando comparativamente os resultados vistos anteriormente, o último gráfico proporciona uma visão geral, da qual podemos extrair as seguintes afirmações sobre cada um dos gêneros textuais, nos dados trabalhados:

- (a) O Romance apresentou uma prevalência do uso de F2 em José de Alencar e de F1 em Machado de Assis. Contudo, nos dados desse último autor, houve uma inversão de valores⁶, que passa de F2 mais frequente, para F1 mais frequente, que ocorre exatamente na mudança da tradição literária seguida (do romantismo para o realismo). É nesse gênero que F3 parece desempenhar um papel mais importante, com frequência superior ao do teatro, fato este que pode ser explicado porque no romance há sempre muitas remissões a elementos distantes temporalmente e espacialmente, com o uso de F3;
- (b) Por outro lado, com relação ao Teatro, o Gráfico 6 mostra que há grande semelhança no uso dos demonstrativos de ambos os autores, com a predominância de F1 sobre F2 e a baixíssima frequência de F3, que pode ser explicada pela unidade espaço-temporal que as obras teatrais geralmente requerem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, no presente estudo, observaram-se diferenças de uso das formas demonstrativas nos gêneros textuais a partir de duas perspectivas distintas: a primeira, com relação ao uso individual de cada autor em questão, em que foi possível se ter indícios positivos de que um mesmo autor utilizaria os demonstrativos de forma diferente, dependendo do gênero do texto que esteja produzindo, ou seja, a gênero seria fator determinante para o comportamento das estruturas linguísticas nos textos; e em segundo lugar, foi possível se observar as alterações no uso das formas dos demonstrativos dos dois gêneros ao longo do

⁶ Cf. Gráfico 4.

tempo, como aconteceu com os romances de Machado de Assis, sob a influência das TD da época que eles permeiam.

Entretanto, apenas uma análise mais profunda nas ocorrências dos demonstrativos pode dizer se essa alteração de frequência se deu por motivo *estrutural*, ou seja, o romance realista apresentaria um tipo de estruturação do seu conteúdo diverso do anterior, o que faz com que F1 seja mais usado, mas com as mesmas funções que desempenhava anteriormente, ou uma mudança *funcional* dos demonstrativos, isto é, a cada forma seria atribuída novas funções ou mesmo haveria a troca de funções entre os demonstrativos, o que influenciaria na frequência de cada um deles no gênero textual em questão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, C. *Gênero textual, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BENÍTEZ ROSETE, V.A.. *No es lo mismo 'el este rollo' que 'el rollo este': interfaz sintáctico-pragmática de los demostrativos*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2011. (Master en Letras: Lingüística Hispánica)

CAMBRAIA, C. N. *Demonstrativos na România Nova: português brasileiro x espanhol mexicano (dados de diálogos entre informante e documentador)*. Caligrama, Belo Horizonte, v. 14, p. 7-34, 2009.

CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, T. C. *Literatura Brasileira: ensino médio*. São Paulo: Atual, 2000.

COSERIU, E. *Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar*. Romanistisches Jahrbuch VII, p. 29–54, 1955.

COSTA, A. C. F. da. *Transformação de Gêneros Discursivos em uma Perspectiva Diacrônica: O Exemplo da Notícia*. In: CASTILHO, A. T. de. (org). *História do Português Paulista*. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.

GALLARDO, S. *Géneros Académicos y Tradiciones Discursivas: Variación em Artículos Científicos y Tesis Doctorales*. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. & LIMA-HERNANDEZ, M. C. (orgs). *História do Português Paulista: Modelos e Análises*. Campinas: UNICAMP / Publicações IEL, 2012.

JUNGBLUTH, K. *Pragmatik der Demonstrativpronomina in den iberoromanischen Sprachen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2005.

KABATEK, J. *Tradições discursivas e mudança lingüística*. In: LOBO, T, RIBEIRO, I., CARNEIRO, Z. & ALMEIDA, N. (eds.): *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*, Salvador: EDUFBA, 2006.

KANY, C. E. *Sintaxis hispanoamericana*. 2. reimpr. Madrid: Gredos, 1994.

KOCH, P. *Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik*. in: FRANK, B., HAYE, T, TOPHINKE, D. (eds.), *Gattungen* (eds.), *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr, 1997.

KOCK, J. de, GOMEZ MOLINA, C. & VERDONK, R. *Gramática española: Enseñanza e investigación*. vol. II. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1992.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais & ensino*. DIONISIO, Â. P. e MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. orgs). 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

OESTERREICHER, W. *Zur Fundierung von Diskurstraditionen*. in: FRANK, B., HAYE, T. & TOPHINKE, D. (eds.), *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr, 1997.